

29 SET 2002
Quitação da dívida está garantida até dezembro

Governo fez um ‘colchão de reservas’ que, até o fim do ano, deverá somar R\$ 80 bilhões

LU AIKO OTTA

BRASÍLIA – Pelo sim, pelo não, o Ministério da Fazenda se preparou para o pior neste restante de ano no quesito que mais tem gerado nervosismo no mercado: a administração da dívida pública. Hoje, a situação é a seguinte: mesmo se o governo cair em total descrédito e o mercado não comprar mais um único título da dívida pública, haverá recursos em caixa suficientes para evitar um calote até dezembro.

Há, no caixa do Tesouro Nacional, uma reserva da ordem de R\$ 60 bilhões. Esse valor será elevado para algo como R\$ 75 bilhões a R\$ 80 bilhões até o fim do ano, com recursos não captados por meio de emissão de papéis, mas por outras fontes como: superávit primário (o governo gasta menos do que arrecada), recebimento de créditos que o Tesouro Nacional tem contra Estados e municípios e a remuneração paga pelo Banco Central (BC) pelos recursos da conta única do Tesouro Nacional que ficam em seu poder.

Contra essa reserva, ou “colchão de liquidez”, de R\$ 80 bilhões, há títulos da dívida vencendo até o final do ano no valor total de R\$ 77,7 bilhões. Portanto, ainda que a desconfiança do mercado atinja níveis estratosféricos, o que ainda não é provável, os pagamentos da dívida estão garantidos daqui até dezembro.

No entanto, o trabalho de preparação do Tesouro não se restringiu a este ano. Os técnicos tiveram mais cuidado para não criar dificuldades para o novo governo em seu primeiro trimestre. Ao longo dos últimos meses, os títulos públicos vendidos ao mercado têm prazos de vencimento tais que não haverá acúmulo no período de janeiro a março. Pelo contrário: enquanto num mês “normal os vencimentos são da ordem de R\$ 30 bilhões, os papéis que vencem no primeiro trimestre de 2003 inteiro somam R\$ 26 bilhões.

O secretário do Tesouro Nacional, Eduardo Guardia, anunciou que é intenção da atual equipe entregar o caixa para o próximo ministro da Fazenda com um “colchão” de pelo menos esse valor, de modo que haverá recursos para honrar a dívida também no período de janeiro a março.

Para chegar a janeiro de 2003 com no mínimo R\$ 26 bilhões à disposição, o governo precisa vender mais títulos neste ano. E, apesar de todo o nervosismo do mercado, o Tesouro conseguiu vender, na quarta-feira, R\$ 1,5 bilhão em títulos. São Notas do Tesouro Nacional série C (NTN-C), papéis não indexados ao câmbio, mas à variação do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), com vencimentos em três anos e taxas de juros pouco superiores a 10%.

“É uma coisa curiosa, mas o mercado está achando mais seguro comprar papéis com esse vencimento mais longo do que títulos para o começo do ano que vem”, explicou um técnico da área. Ele acredita que, por trás dessa boa recepção do mercado às NTN-C esteja uma aposta de crescimento da inflação a partir do ano que vem. Essa hipótese foi admitida pelo próprio governo, na ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), divulgada na quarta-feira.

Apostando na inflação ou não, o fato é que o Tesouro tem conseguido colocar papéis no mercado, o que é uma boa notícia em meio a tantas turbulências. Guardia acha que a volta da procura por papéis do governo mostra a recuperação do mercado de títulos públicos, que retraiu-se quando o BC decidiu mudar as regras de registro dos ganhos dos fundos de investimento.

A avaliação no Tesouro Nacional é que a alta do dólar nesta semana é irreal e passageira. A expectativa dos técnicos é que as condições de mercado melhorem a partir de novembro, quando o futuro presidente da República já será conhecido, terá anunciado sua equipe e as linhas gerais de sua política econômica, reduzindo as incertezas do mercado.